
GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

El coleccionista de secretos: la narración de su vida

Roselene Gurski

Luísa Puricelli Pires

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;

luisa_puricelli@yahoo.com.br

Enviado a evaluación en Diciembre 2016/Aprobado Abril 2017

Resumen

A partir de la narrativa del libro para niños “El coleccionador de secretos”, este texto trabaja la metáfora de la salida de la infancia y el pasaje a la adolescencia.

Desde el psicoanálisis freudiano, se entrelazan las transformaciones del Yo a la posición del narrador que ha propuesto Walter Benjamin, quien expresa que el niño precisa ser oyente de historias para poder devenir en el narrador de su propia vida.

De la misma forma, el Psicoanálisis desde la perspectiva de Freud y de Ferenczi, sustenta la construcción de un sujeto de la enunciación a través del uso de las palabras, las cuales se relacionan en este texto con la apropiación del nombre propio.

Palabras clave

Infancia – Adolescencia – Narrativas – Psicoanálisis

O coleccionador de secretos: narrando sua existencia

Roselene Gurski
Luísa Puricelli Pires
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;
luisa_puricelli@yahoo.com.br

Resumo

A partir da narrativa do livro infantil O Colecionador de Segredos, este texto trabalha a saída da infância e a passagem adolescente. Desde a teoria freudiana, entrelaçamos as transformações do Eu à posição do narrador proposto por Walter Benjamin, que precisa ser ouvinte de histórias para se tornar ele próprio um narrador de sua vida. Da mesma forma, a psicanálise de Freud e Ferenczi, sustenta a construção de um sujeito de enunciação através do uso das palavras, que relacionamos com a apropriação do nome próprio.

Palavras-chave

Infância - Adolescência - Narrativa - Psicanálise

The secrets collector: storytelling his life

Roselene Gurski
Luísa Puricelli Pires
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;
luisa_puricelli@yahoo.com.br

Abstract

From the storrtelling of the children's book The Secrets Collector, this paper works through the end of childhood and adolescent passage and the outcome of the being. From Freud's theory, we connect the transformation of the Self to the storyteller's position, proposed by Walter Benjamin, where the person needs to be a story listener in order to become a narrator of his life. As Freud 's and Ferenczi's psychoanalysis, supports the build of a Self of enunciation from the use of words, which we relate to the appropriation of his own name

Keywords

Childhood - Adolescence - Narrative – Psychoanalysis

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

O coleccionador de segredos: narrando sua existência

Roselene Gurski
Luísa Puricelli Pires
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;
luisa_puricelli@yahoo.com.br

A transformação e capacidade de espera do Eu na passagem da infância à adolescência é demonstrada no conto que compartilhamos no título deste artigo, O Colecionador de Segredos. O livro infantil, de autoria de Maria Cristina Silva e ilustração de André Neves, trabalha a história de Beto, um menino de onze anos que vive em um país onde é obrigatório colecionar algo a partir dos seus doze anos, aniversário que está prestes a comemorar (Silva e Neves, 2014, p.27).

O livro encanta a crianças e adultos pela simplicidade e plasticidade com que as palavras são usadas na contação da história de Beto, o menino que observa o universo dos adultos, a fim de aprender um pouco mais sobre a vida. As ilustrações também marcam essa visão infantil sobre o universo adulto, realizando metáforas com comidas, sementes e plantas, fogo e baús, trazendo o colorido da magia para a realidade das dificuldades da vida.

Através da brincadeira constante com o uso das palavras, o conto narra a história deste recém púbere, que, precisando descobrir o que irá colecionar em sua vida, logo de primeira prefere guardar em seu baú as palavras da senhora Margarida, que colecionava lembranças, e não dinheiro, como havia indicado o pai. Quem guarda, aguarda por alguém, poderíamos também aqui brincarmos com as palavras. E nesse guarda/aguarda, Beto vai descobrindo o poder transformador do tempo e das relações, reservando cada vez mais espaço interno para os segredos da vida.

Nesse sentido, destacamos a apropriação da palavra como forma de inserção no mundo e de construção de um lugar desde o qual se fazer representar. Tecemos a tensão entre a importância das recordações e daquilo que precisa ser esquecido para que a passagem

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

adolescente possa se estruturar no psiquismo daquele que se transforma em adulto. Esse processo é o que pretendemos explorar nesse escrito a partir de um aporte teórico psicanalítico e filosófico.

Das palavras nas histórias à construção do si mesmo

O hábito de contar histórias, tão antigo como o início das civilizações, favorece as transmissões das heranças entre as famílias e os povos, criando, assim, uma vasta possibilidade de criatividade no sujeito. Desde essa perspectiva, a palavra se torna um bem comum de força extraordinária e passa a dar contorno às mais variadas construções psíquicas individuais e coletivas. Nesse sentido, “não se trata de pensar que o homem evoluiu e passou a utilizar a linguagem, mas sim de perceber que o humano é feito na e pela palavra” (Gurski, 2012, p.107). Walter Benjamin (1916/2011) trabalha a linguagem como a possibilidade de comunicação da própria coisa. A linguagem é o ponto onde o sujeito não transcende em espiritualidade, mas produz densidade, sendo sempre arrancado para fora de algum paraíso, diríamos, de algum ideal. A linguagem, dessa forma, carrega um tanto de magia, através da qual se pode apenas nomear algumas coisas, esperando com isso comunicar algo ao outro. É na fala, portanto, que está a essência do sujeito.

As palavras traçam uma ligação entre diversas representações primitivas, oferecendo um sentido à existência, sendo o ponto fundamental da teoria freudiana, inaugurada enquanto cura pela palavra (Freud, 1893/2006). A partir da noção de ato falho e chistes, Freud (1910/2006) destaca, mais ainda, a importância da fala na Psicanálise, trabalhando o poder antitético das palavras. As palavras que se entrelaçam na associação livre, base fundamental da técnica psicanalítica, são ordenadas a partir das leis do inconsciente, através do deslocamento e da condensação de conteúdos, similaridades quanto a tamanho, forma e tempo de enunciação. Devido a esse processo, Freud descobriu que, embora a palavra apareça na

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

consciência enquanto produto de um pensamento, ela apresenta uma formação sustentada no duplo sentido, que causa estranhamentos ao próprio falante.

No conto de O Colecionador de Segredos, os medos da mãe de Beto começavam a se romper na medida em que a conversa entre mãe e filho ia funcionando como um REMOVE-DOR – contado na história como um remédio comprado por ela em pílulas e líquido de limpeza, que fornecia coragem à mãe para limpar os “medos grudentos” que se multiplicavam cada vez mais. A palavra grifada pela autora já nos coloca frente a frente com o duplo sentido de um potente produto que “remove a dor” das pessoas. A palavra trocada, associada ao afeto sentido entre mãe e filho, “limpa” os medos da mãe, que já colecionava, há muitos anos, os mesmos pavores.

Ferenczi (1909/2011) apresenta uma contribuição a essa concepção acerca das representações em seu ensaio sobre o uso das palavras obscenas em sessão. Abrindo a possibilidade de se trabalhar as palavras mais primitivas relacionadas aos conteúdos incestuosos e parricidas, Ferenczi expõe a força que o recalque tem sobre o desenvolvimento do pensamento, a partir do momento em que a interdição prende algumas palavras em detrimento de outras. Estas palavras reprimidas agem em dupla função, pois, se por um lado, guardam os conteúdos inconscientes que agora causam desprazer à consciência, por outro, permitem a liberação de várias outras palavras, que irão constituir o mundo compartilhado do sujeito com a cultura.

Nesse sentido, Ferenczi (1909/2011) também salienta a força sensorial das palavras, que estão ligadas às representações de coisa e despertam nos sujeitos as mais variadas emoções e sensações. Quando sofrido algum trauma, as palavras podem vir a ser soterradas e banidas da narração do sujeito, impossibilitando o livre acesso aos afetos ligados a elas. A partir desse entendimento, o mais importante na análise seria permitir ao sujeito que possa repetir seu modo mais primitivo de se relacionar, ainda que o acesso à palavra seja precário e as vivências se dêem muito mais através da linguagem do corpo, através de tensões e expressões. A análise

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

passa a ser, nesse contexto, o meio pelo qual o analisante descobre, desvenda, remaneja e rearticula palavras, até que elas estejam disponíveis (Ferenczi, 1930/2011).

As palavras podem ganhar esse teor de duplo sentido também quando são articuladas às representações de coisa, de modo que a palavra dita ganha uma sensorialidade, uma força a mais, que veicula as fantasias inconscientes e os afetos. No caso da mãe de Beto, muitas palavras não podiam ser pronunciadas, em nome de (res)guardar os medos de qualquer incidência de novidades. Essa força do recalque, que pode pressionar demasiadamente os conteúdos psíquicos, condenando-as à obscuridade, também os alimenta, à medida que os relega a um tempo que confunde passado, presente e futuro.

A palavra funciona como um modo de domínio sobre o mundo. Com a palavra é possível apreender o que está fora de si e significar o que está dentro, nomeando os objetos, os sentimentos e as sensações. O tom da voz, a escolha das palavras, a plasticidade e o ritmo da fala, tudo isso fala do lugar do sujeito em si mesmo, suas identificações e seus ideais, seus sonhos e emoções. Através das palavras, a história do sujeito, suas memórias e experiências são transmitidas ao interlocutor.

Freud (1905/2006), e depois Ferenczi (1913/2011), assinalam que é através dos elementos naturais e materiais com os quais a criança tem contato que o mundo dela vai sendo organizado. Nesse processo, até mesmo os objetos inanimados ganham vida, sendo designados a ter ações e afetos, da mesma forma que o potencial da criança é, muitas vezes, elevado além de suas reais possibilidades nas fantasias infantis. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios apresenta um espaço para a percepção fantasiosa da criança perante seu próprio corpo, seus movimentos, as relações com os pais e com os objetos, até a aceitação mais ou menos fidedigna da realidade. Dizemos mais ou menos fidedigna, pois nunca realmente o ser humano abdica totalmente de qualquer prazer primitivo e infantil, mas sim aprende a aguardar o momento de realizar seus desejos, transformando a realidade para conquistar o que deseja.

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

Como bem ironizou Freud (1907/2006), só não fantasia o homem que é completamente feliz, de modo que, para todos os outros, resta buscar novos destinos para as energias vinculadas às fantasias da infância, assim como fazem os escritores criativos, os quais empregam na escrita um potencial substitutivo. Essa transposição das resistências busca, acima de tudo, realizar o desejo recalcado, que por outras vias estaria barrado, mas que no reconhecimento dos outros é transportado a uma satisfação diferenciada, abarcada no social.

Quem escreve se apropria de modo particular das palavras. Conforme Lima (2015), o escritor utiliza-se de uma dinâmica que se realoca em um mais além do princípio do prazer, retornando a uma dimensão da Coisa em que os efeitos do real transgridem o mecanismo próprio da fala, como ocorre com o processo regressivo do sonho. Ainda que o escritor faça uso de palavras, ele se permite desarticular as ligações que estavam dadas, retornando a um estado primitivo, propriamente infantil. Brincando com as palavras, a escritora de O Colecionador de Segredos executa algo similar, à medida que convoca o leitor a deslizar alguns significantes e a coisificar as palavras que vão sendo inseridas e remanejadas na história das personagens.

Nesse sentido, as palavras usadas no livro analisado vão ganhando uma grande plasticidade, à medida que trabalham com a equivocidade dos sentidos. As ideias novas da mãe, agora sem tantos medos, preocupam o pai de Beto, que, cada vez mais, engorda sua antiga coleção de preocupações. Sendo difícil de engolir as mudanças da esposa, o homem se sente mal, somatizando sua ansiedade perante o novo que se apresenta. A própria limpeza proposta pelo REMOVE-DOR refere-se a remexer nos baús da infância, das lembranças e afetos mais fortes que marcaram essas personagens e, ao mesmo tempo, à purificação da casa, como se os objetos, então, ganhassem vida e pudessem ser contaminados pelos medos e preocupações, ocupando espaços que poderiam estar sendo usados para as criações de quem ali habita.

O espaço físico da casa, na narração do conto, refere-se ao psíquico, como se o inconsciente fosse uma casa compartilhada, onde todas as figuras importantes da constituição psíquica do sujeito podem se presentificar, de modo que nos desenhos do livro também temos essa

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

sensação de destaque das imagens, em que cores vibrantes e lugares fantásticos ocupam as cenas. Em espaços muito antigos e, por vezes, parecendo impossíveis de serem transformados, a família de Beto vai oportunizando em sua casa que os objetos sejam transferidos, como se fizessem realmente uma “limpeza” ao possibilitar o deslocamento dos sentidos. Usamos aqui transferidos como uma dupla referência à transferência em que se arrasta objetos de lugar e também àquela que se direciona à analista enquanto deslocamento de objeto psíquico.

A prática de formular novas palavras ou usar as mesmas palavras para significados diferentes amplia a conceituação dos objetos, possibilitando uma sobreposição às regras e aos dogmas arraigados culturalmente. Da mesma forma como acontece com as piadas, aquele que brinca com o significado das palavras tem despertado em si um sentimento de autenticidade, à medida que a liberação dessas palavras que estavam semissoterradas pelos efeitos do traumático, como diria Ferenczi (1909/2011), auxilia a suportar a dupla identidade inerente a todos nós, sujeitos da cultura. De modo similar, aqueles que escutam o que é pronunciado são contaminados pelo prazer formal e estético desse dialeto compartilhado, no qual as fantasias se apresentam através de disfarces e alterações (Freud, 1915/2006; Freud 1930/2006).

Nos contos infantis, salientam Corso e Corso (2006), observamos constantemente esse jogo de palavras, essa magia que perpassa a fantasia até a narração da história, onde o inconsciente se manifesta. Tudo pode acontecer e a transformação das personagens é sempre obrigatória, a fim de demonstrar o movimento psíquico e seu impulso criador, representado pela esperança e a determinação dos protagonistas em construir um mundo melhor. O deslizamento de significantes e as produções infantis que tomam o espaço dos contos produzem efeitos de um prazer sexual que fora recalcado, em outras palavras, colocado no baú. Um prazer que se engrandece à medida que pode ser compartilhado e reconhecido coletivamente.

Esse é o fenômeno que ocorre quando o leitor se delicia com o livro O Colecionador de Segredos, pois as vivências infantis de descobrimento dos objetos e das palavras designadas a eles vão sendo remanejadas constantemente, brincando com a mente de quem lê o conto,

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

como, por exemplo, nessa passagem em que os pais falam da ideia da mãe de começar a trabalhar fora:

- Querido, não tenha medo, é assim mesmo. Algumas ideias têm esse sabor forte, mas com o tempo vão caindo dentro da gente até que se transformam, ficam igual a pudim de vento e o peso vai embora.
 - Quanto tempo leva para isso acontecer?
 - Depende da digestão de cada um. Tome esse remedinho que vai ajudar.
- O pai de Beto tomou o remédio sem nem ler o nome. Era a primeira vez que isso acontecia. Logo ele, que nunca deixava de ler as bulas porque vivia preocupado com os efeitos colaterais. A mãe de Beto, que agora passou a ter nome: Linda, notou que finalmente o REMOVE-DOR estava fazendo efeito no seu marido (Silva e Neves, 2014, p.20)

O REMOVE-DOR, que se faz presente na conversa de Beto e de sua mãe e, mais tarde, no diálogo entre seus pais, oferece até mesmo um nome para a sua mãe na história. Decidida a trabalhar, a mulher não se deixou abater pelas preocupações do marido, acalmando-o com uma dose do REMOVE-DOR. Nesse momento, a mãe de Beto passa a ter nome, chamando-se Linda. Parece que, ao colocar em palavras aquilo que estava preso em sua coleção, agarrando-se ao seu desejo, ela pode sustentar um nome próprio, um lugar de enunciação. Surge seu nome quando a força que REMOVE AS DORES se faz presente nas relações da família, através de uma porção de trocas de palavras. A palavra possibilita ao desejo circular e expressa de maneira fluida aquilo que estava guardado no baú do inconsciente.

A transformação da narração e a narração que transforma

A narração de uma história marca a vivacidade da experiência e introduz novas experiências no próprio ato de compartilhar algumas palavras com aquele que está disposto a escutar; é uma forma de estar vinculado ao patrimônio cultural e acalantar a inevitável miséria humana, satisfazendo seu desejo através da narração. Narrar uma história é mais do que simplesmente

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

falar, o narrador é aquele que busca na experiência dos semelhantes a fonte de sua força, através da qual pode dar um lugar à falta, à morte, à dor (Benjamin, 1933/2012 e 1936/2012).

O Colecionador de Segredos fala de dor, mas narra ela de forma criativa, utilizando novos meios de abordar aquilo que se problematiza para cada um dos sujeitos da história. Sem demasiadas explicações, as coleções que o pai e a mãe guardavam vão aparecendo para Beto, que, a cada momento, guarda um pedaço daquelas experiências compartilhadas. Nesse vai-e-vem da arte contida no ato de compartilhar histórias, o narrador é, portanto, voz, gesto e experiência (de si e dos outros), pois metaboliza as várias vivências, através de sua memória, e produz artesanalmente um novo “produto” (Benjamin, 1936/2012).

Os pais de Beto se fazem narradores, conforme vão desvelando palavras em suas desconstruções pessoais. Assim como a vizinha, que guardava lembranças, Beto vai aproveitando pequenas nuances daquelas transformações que observa, enquanto seus pais vão ganhando a força de usar as palavras, cheias de afeto. É o sentido transmitido e que visa ser compartilhado com aqueles que estão por vir, transformando-os. Na história do livro, o pai de Beto colecionava preocupações desde cedo, por acaso, e já tinha transmitido algumas ao filho. A mãe colecionava medos, pois era o que a sua família colecionava, de modo que foi sendo mais fácil seguir o que já estava começado. Mas o pai diz a Beto que não deseja isso para o filho, possibilitando-o que encontre seu próprio caminho, fazendo seu o que herdou, como destacou Freud (1913/2006).

Como o bebê encontra o peito ali onde ele está a ponto de criá-lo, a criança encontra seus pais ali onde ela imagina que eles estejam. A história narrada é uma oferta que os pais podem fazer para ajudar nessa criação. Os pais não sabem o que dizem, nem o filho sabe o que escuta, mas ali, naquele ato de sonhar juntos, se está fabricando o livro de uma vida (Corso e Corso, 2006, p.299).

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

A enunciação desse discurso de pais suficientemente narradores, como nomeiam Corso e Corso (2006), apresenta um modelo de funcionamento muito similar ao processo criativo, colaborando para a apropriação da palavra nos sujeitos enquanto modo de se legitimar na cultura e se fazer representar. Como uma via de acesso à libido, a narração dos pais viabiliza o duplo aspecto da sublimação, a qual, ao mesmo tempo, é veículo e barreira do ideal, pois se utiliza do mesmo conteúdo psíquico para marcar um descompasso do fluxo psíquico. Na sublimação, segundo Freud (1915/2006), o ideal decanta em um novo “produto”, compartilhado com as outras pessoas, causando, assim, uma mudança de frequência no psiquismo do sujeito e dos seus iguais, que passam a ter satisfação libidinal de outra forma, entrando em maior contato com o inconsciente e suas leis, ou seja, com o furo. Este enfrentamento com o inacessível do ser, que é o inconsciente, enlaça o sujeito ao social e faz vigorar a transmissão entre as gerações, os sentimentos e os sofrimentos que a vida impõe (Lima, 2015).

Na história, inicialmente o que mais chama a atenção de Beto são os sonhos. Com seu aniversário de doze anos chegando, o menino tem a ideia de colecionar certezas, mas descobriu que eram impossíveis de serem encontradas. Começa, então, a escutar a história de seus pais, sendo transformado pela experiência deles e também transformando-os. Desse modo, a narração produz um produto coletivo, construído entre os sujeitos; aqui não existe propriamente um acaso e sim o inconsciente, que se comunica com o inconsciente do outro.

A representação de palavra, quando narrada, fala em si da representação de coisa e das marcas mnêmicas do sujeito, articulando, em associação livre, o movimento psíquico. Diz-se o que se quer dizer, mas nunca se diz tudo o que há para ser dito. A palavra é a única ferramenta humana capaz de transmitir e compartilhar heranças e padrões e, ao mesmo tempo, deixar um espaço para o novo, para surgirem ideias genuínas e únicas, já que “a palavra, ao existir, inaugura a polissemia e, ao mesmo tempo, a representação como aquilo que veio no lugar do

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

que não está” (Gurski, 2012, p.107). Por isso a língua está sempre em mutação e não se fala mais exatamente como se falava há quinhentos anos.

Nesse ínterim, entendemos que uma das primeiras palavras doadas pela família, o nome próprio, ganha força psíquica e social, humanizando o sujeito, conforme aponta Benjamin (1933/2014). Entendemos que o nome próprio oferta a possibilidade de carregar em si a transmissão de um desejo daqueles que vieram antes, proporcionando ao sujeito rastros - uma via facilitada de acesso a si próprio, em que, em momentos caóticos nos quais o Eu precise se proteger, agir e se transformar, pode ser acessada.

É a partir do reconhecimento da falta que a mãe precisa nomear esse outro, seu filho, para poder chama-lo em público, apresenta-lo, inscrevê-lo na escola, fazer-lhe uma identidade, forjar um lugar. Da mesma forma, quando a criança compreende a individualidade contida na singularidade da escolha do seu nome, de que aquele nome é apenas seu, e não da mãe, mesmo que mais tarde venha a descobrir que existem vários outros com o mesmo nome que o seu, aquele foi escolhido para ela, por motivos únicos. O reconhecimento do nome próprio é, portanto, o momento em que a criança capta a base da identificação que se produz através do significante, dando referência àquilo que liga ela aos pais, mas também o que fornece uma autorização para ocupar um espaço próprio na vida e no mundo.

Nesse sentido, apenas através do reconhecimento da falta, quando o sintoma (medo) da mãe de Beto estava sendo mexido, é que seu nome pode surgir na história do livro. Sua fala deu espaço à palavra, o que a transformou em sujeito merecedor de um nome durante a narração da autora. Dito de outra forma, a narração que a autora faz da narrativa da personagem fez surgir a necessidade de dar-lhe um nome, de oferecer um lugar na história em que ela pudesse inscrever sua participação, se transformar em sujeito.

Desse modo, entendemos que o uso das palavras expressa uma capacidade intelectual e também emocional, desenvolvida desde o instante em que a criança está inserida na cultura, através do desejo do Outro. A palavra nasce onde a impossibilidade se fez presente na relação,

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

assim como os pais têm necessidade de nomear o filho, às vezes antes mesmo deste existir na realidade, como foi o caso de Linda ao fantasiar acerca de seu filho Beto. Quando o menino, ainda no início do conto, descobre que a mãe desejava muitas coisas para si e, dentre elas, um filho chamado Beto, ali se iniciava a transformação do nosso pequeno personagem.

Quando Beto é colocado na posição de ter que escolher o que irá colecionar a partir dos seus doze anos, uma lei tácita de seu país que determina que todos devem ter uma coleção pessoal, o processo de significação de si tem início. Dando-se conta de que não poderia ter certezas, a personagem busca histórias e lembranças. Nesse processo, descobre o quanto era desejado pela mãe, quando esta ainda era apenas uma menina.

Esta posição evoca a passagem à adolescência quando começam a se articular as inúmeras frustrações e transformações de ordem física, intelectual e emocional que levam o sujeito a ensaiar uma saída do núcleo familiar, sendo convocado pelo social a falar em nome próprio e escolher um caminho a trilhar. Os lutos pelas perdas da infância e, por outro lado, as incertezas do futuro, demandam dos adolescentes a estruturação de novas formas de atingir prazer psíquico, enquanto se perguntam a respeito de si e de sua posição no mundo (Rassial, 1997).

Essa dimensão real, isso que não cessa de não se inscrever, que não tem objeto nem sujeito, está marcada entre o corpo e o psiquismo e pode ser denominada enquanto a própria força da pulsão. Rassial (1997, p.202 e 203) sugere que a passagem adolescente exige que se nomeie as transformações do corpo, enquanto marco da mudança da imagem de si, que coloca o “sujeito na borda de um buraco”, relacionada à puberdade. Através de uma constatação da passagem do tempo para seus pais, o recém-púbere se depara com a morte e a demanda de gozo que, nesse momento, exige novas articulações do desejo, demandando outras identificações.

A queda do ideal dos pais da infância possibilita o deslocamento dessa libido para os questionamentos quanto ao mundo, as ciências, as religiões e as políticas. Conforme diz Rassial (1997, p.43), a percepção das diferenças entre as gerações possibilita ao adolescente sair do “lugar de ser ele mesmo sintoma para o Outro, precisamente para a mãe”. Dessa forma, o

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

movimiento de ir em busca do passado e das heranças, se colocando dúvidas sobre a figura dos pais, desperta o sentimento de si mesmo. Quando o adolescente pode visitar a história familiar e também se descolar do que está estabelecido para si, ele pode criar e construir novas referências para seu Eu, permitindo-se se perder em meio a possíveis palavras.

Lacan (1967/2010) salienta, ao pontuar o uso da palavra na situação de disparidade transferencial, que a narração em análise transforma o sujeito, oferecendo um espaço ao saber inconsciente. Da mesma forma, o hábito de contar histórias para crianças disponibiliza a elas um lugar para se experimentar enquanto sujeito, construindo sua identidade e seu modo de se fazer representar no laço social. Assistimos claramente a esse jogo de elaboração do Eu quando os pequenos transitam entre o brincar e a realidade, traçando paralelos de sua vida e as fantasias de uma vida futura (Freud, 1907/2006).

Mais além da contação de histórias fantásticas e propriamente infantis, Lacan vem corroborar a ideia de que a narração de histórias também diz respeito às experiências da família, momentos em que os pais significam e ressignificam um passado, relatando aspectos de sua vida e também da ainda inicial vida dos filhos. No processo de construção de uma identidade entre a infância e a adolescência, portanto, o sujeito percorre não apenas a origem do seu nome próprio, mas também as identificações, inibições e ideais que enfrenta - mais ou menos como vimos transcorrer na história de Beto, o colecionador de segredos.

Nessa trajetória da criança em transformação, há um desprender-se dos ideais infantis, mas não sem manter algumas identificações com as figuras parentais. Se há preocupações do lado do pai e medos por parte da mãe, Beto vai dando borda ao real, abrindo um novo caminho para si através dos sonhos, indo até os segredos. Claro que com a ajuda do pai, que lhe autoriza a buscar seu próprio caminho e não apenas a repetir as coleções feitas por eles.

Beto escuta as experiências dos pais na cena familiar e depois se torna capaz de narrar sua própria história, permitindo-se primeiramente não compreender os sentidos de todas as situações e por fim introjetando o que havia sido vivido, a partir das narrações da vizinha, do

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

pai e a da mãe, que, mesmo com suas dificuldades, conseguiam colocar em palavras as mazelas mais cruéis de seus destinos e das coleções que foram levados a reter durante quase toda a vida.

Deixando-se atravessar pela falta, Beto passa a apreciar seu próprio nome e a questionar a história que carrega, encontrando-se com aquilo que Mannoni (1988) chamava “o saber não sabido”. A busca pelo saber sempre se enfrenta com a dimensão do proibido e do perigoso, em que se pode adentrar o saber inconsciente. Ao buscar sua história e seus antepassados, Beto pode demarcar sua singularidade, saindo da incestuosidade, ou seja, do lugar de objeto de desejo do Outro, para a enunciação de uma posição sua na relação com o desejo.

Ao final do conto, no dia do aniversário de Beto, em pleno final de semana divertido que seu pai havia programado - depois de abrir mão das preocupações - o menino recebe um bolo com cobertura de magia e recheio de realidade, conforme era tradição da festa em que se completava 12 anos. O bolo evoca essa aquisição de fazer uso das palavras para narrar a própria história, pois permite uma inscrição no social, em que as palavras carregam a magia inconsciente, na esperança de se contatar com os outros aos quais se está entrelaçado. Nessa transição abre-se a possibilidade de um outro espaço psíquico e social, em que é possível se dar conta de que nem tudo é sabido ou tem um sentido, de que as pessoas são diferentes, de que a vida apresenta dificuldades, mas que é possível criar a partir da noção de incompletude.

Se até este momento Beto estava guardando essas marcas de vivências meio ao acaso em seu baú, agora que este havia sido queimado na fogueira, também por acaso, Beto sentiu segurança de que tudo o que havia guardado nele, estava na verdade dentro de si, introjetado. Aguardando por um Eu a advir, Beto foi ouvinte para então se tornar narrador de sua própria história. Através dos exemplos, recolheu aquilo que poderia guardar para si em seu Eu transformado. Tinha se tornado um especialista em coleccionar segredos, segredos da vida, detalhes daqueles a quem amava, identificações inconscientes que o auxiliariam caso algum um dia passasse por momentos especiais (difíceis ou felizes), como aqueles que observara

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

durante a passagem do conto. Demonstra isso simbolicamente, queimando o baú antigo, dando, assim, espaço ao novo. Aqui novamente as figuras do livro ajudam a ressignificar a história, oferecendo preciosidade aos detalhes que inauguram uma produção independente do menino.

Beto, no começo de sua passagem adolescente, ainda conseguiu realizar um dos maiores sonhos dos jovens que é ser escutado pelos pais e ajudá-los a percorrer novos caminhos: um sonho que nem sempre se realiza, já que, quando o filho se torna ele mesmo narrador de histórias, muitas vezes os pais não conseguem tolerar a alteridade que ali se instala. Em um conto a respeito do colecionador de segredos, todavia, até esse desejo infantil secreto pode ser revelado e realizado, marcando a possibilidade de uma tessitura entre o sonho e a realidade e a magia e os acontecimentos, típica dos escritores criativos. Diríamos que podemos aproximar esse processo do que Gurski (2012) recolhe de Benjamin:

Benjamin brinca com o tempo, colhendo a experiência nos destroços da tradição e da autoridade. Ele recolhe, tal qual um colecionador, as marcas do passado, como elementos de uma verdadeira herança cujas pegadas precisam ser reveladas. Para Benjamin, colecionar era um modo de transfigurar objetos; em sua visão colecionar era também um ato revolucionário, pois o colecionador retira o objeto de seu lugar de origem, dando-lhe outra posição (Gurski, 2012, p. 120).

Segundo Arendt (1955/1987) o colecionador pode estar muito próximo do revolucionário à medida que, como Benjamin, o colecionador age como o herdeiro, que recebe algo em tradição, mas não precisa se preocupar em usá-la em sua utilidade mercadológica e sim construir um valor próprio àquilo que, assim, se torna autêntico. O colecionador, no processo de colher coisas estranhas, que aparentemente não têm valor, enriquece a si mesmo, enquanto oferece ao objeto um “valor intrínseco” (p.169), diríamos, secreto.

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

De forma similar, Jacques Derrida, em diálogo com Elizabeth Roudinesco (2004), aponta para um modo de se trabalhar a herança sem se prender a sua totalidade, não buscando fugir das falhas e nem ser colonizado pelo passado. Essa transmissão é pulsante, construindo algo novo a partir do desconstrucionismo e incrementando o lugar de sujeito do jovem, à medida que este se torna responsável pelo o que veio antes e o que virá depois de si. No processo de desconstrução, ele não é apenas um receptáculo do que é transmitido, pois também passa a fazer parte do processo, quando movimenta deslocamentos de objetos, identificações e palavras.

Nesse sentido, o conto de O Colecionador de Segredos vai se desdobrando, à medida que nos possibilita vincular o processo criativo da passagem adolescente como um suporte para o vir a ser do sujeito. Através da história dos pais, Beto pôde transformar a si mesmo, buscando um espaço para si no mundo e um meio de se representar nele. Enquanto um colecionador de segredos, ele revoluciona suas marcas, suas representações de coisa, dando palavras ao trajeto entre sua infância e sua adolescência, como quem escolhe uma profissão. Esse tempo encena a criação de um lugar de enunciação, que o menino Beto inaugurou no conto que leva seu nome.

Bibliografía

- ARENDRT, H. (1987) *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das letras [1955].
- BENJAMIN, W. (2011) Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem no homem. Em *Escritos sobre mito e linguagem 1915-1921*, São Paulo: Editora 34 [1916]
- BENJAMIN, W. (2012) Experiência e pobreza. Em *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense [1933]
- BENJAMIN, W. (2012) O narrador. Em *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense [1936]
- CORSO, D.; CORSO, M. (2006) *Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- DERRIDA, J & ROUDINESCO, E. (2004) *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar.

GURSKI, R. & PURICELLI PIRES, L. El coleccionista de secretos: la narración de su vida. INFEIES – RM, 6 (6). Investigaciones - Mayo 2017: <http://www.infeies.com.ar>

FERENCZI, S. (2011) Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência. Em *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes [1909]

FERENCZI, S. (2011) O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. Em *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes [1913]

FERENCZI, S. (2011) Princípio de Relaxamento e neocatarse. Em *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes [1930]

FREUD, S. (2006) Estudos sobre a histeria. Em *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago [1893]

FREUD, S. (2006) Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. Em *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago [1905]

FREUD, S. (2006) Escritores criativos e devaneios. Em *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago [1907]

FREUD, S. (2006) A significação antitética das palavras. Em *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago [1910]

FREUD, S. (2006) Totem e Tabu. Em *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago [1913]

FREUD, S. (2006) Os instintos e suas vicissitudes. Em *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago [1915]

FREUD, S. (2006) O mal-estar na civilização. Em *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago [1930]

GURSKI, R. (2012) Três Ensaio sobre Juventude e Violência. São Paulo: Escuta e Clínica Maud Mannoni.

LACAN, J. (2010) O seminário, Livro 8. A transferência. Rio de Janeiro: Zahar [1967]

LIMA, R. I. P. S. D. (2015). A marca do gozo no texto: Eros vs. Tânatos à luz do conceito de sublimação. *Via Litterae* (ISSN 2176-6800), 6(2), 331-350.

MANNONI, M (1988) *Educação impossível*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

RASSIAL, J-J. (1997) *A passagem adolescente – da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

SILVA, M. C; NEVES, A. (2014) *O colecionador de Segredos*. São Paulo: Brinque-Book [2004]